



QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL PARA COMPREENDER NOSSAS SINGULARIDADES

Kauã Emanuel Valentim de Bastos Pereira, E. E. Maria Lina de Jesus, E-mail:
kaua.8990253@aluno.mg.gov.br

Priscila de Moura Siqueira, E. E. Maria Lina de Jesus, E-mail:
pris.siqueira2017@gmail.com

Herik Ribeiro Araújo (Coorientador), E. E. Maria Lina de Jesus, E-mail:
herik.araujo@educacao.mg.gov.br

Luciana Nori de Macedo (Orientadora), E. E. Maria Lina de Jesus, E-mail:
luciana.nori@educacao.mg.gov.br

Categoria: D

Palavras-chave: Neurodiversidade. Inclusão. Protagonismo. Educação. Divulgação Científica.

I. Introdução

O projeto *Que história é essa? Uma exposição multissensorial para compreender nossas Singularidades* configura-se como uma extensão do trabalho desenvolvido em 2024, *Que história é essa? Desobediências epistêmicas em prol da luta decolonial*, e nasce do desejo de refletir sobre inclusão e diversidade de forma vivencial, indo além dos discursos muitas vezes restritos à teoria. Partimos da inquietação gerada pela constatação de que pessoas neurodivergentes, com foco agora no Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfrentam situações de exclusão, desconforto e invisibilidade que raramente são compreendidas por quem é neurotípico. Assim, buscamos responder à questão: *como experiências multissensoriais podem contribuir para a sensibilização de diferentes públicos sobre as particularidades da neurodiversidade, promovendo práticas mais inclusivas em contextos escolares e sociais?*

A ideia inicial surgiu em rodas de conversa, a partir da “faísca” de imaginar um espaço no qual todos pudessem, ainda que por alguns minutos, experimentar os desafios enfrentados diariamente por pessoas neurodivergentes. Essa motivação nos levou a idealizar e desenvolver uma exposição multissensorial itinerante, que propõe vivências táteis, sonoras, visuais e interativas. Ao longo do percurso, os visitantes são convidados a refletir sobre comunicação





alternativa, sobrecarga sensorial, rotina, seletividade alimentar, estereotípias, ecolalias e outras manifestações comuns no TEA, de modo a provocar empatia, escuta sensível e questionamento de estigmas e preconceitos.

Dessa forma, a exposição não se limita a um produto pedagógico, mas se afirma como uma ação científica, política e cultural, comprometida com a construção de práticas educativas e sociais verdadeiramente inclusivas, capazes de tensionar narrativas hegemônicas e fortalecer a valorização da pluralidade humana.

II. Métodos de pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, interpretativa, aplicada e explicativa, visando compreender a neurodiversidade e, ao mesmo tempo, propor ações que favoreçam a inclusão escolar e social. O método interpretativo permite atribuir significados às experiências dos sujeitos, enquanto a pesquisa aplicada e explicativa busca gerar soluções concretas, com destaque para o protagonismo juvenil na construção de práticas inclusivas. Os procedimentos incluem pesquisa bibliográfica, para embasamento teórico, e pesquisa-ação, que possibilitará implementar e analisar a exposição multissensorial como estratégia de sensibilização, empatia e reflexão crítica, articulando conhecimento científico e ação transformadora.

Para colocar o projeto em prática, realizamos várias leituras e assistimos a vídeos e documentários sobre neurodiversidade, acessibilidade e inclusão. Também promovemos rodas de conversa, momentos de diálogo e escuta, donde registramos relatos de vivências e dificuldades relacionadas à inclusão, o que nos ajudou a definir quais experiências seriam representadas.

Para o planejamento, realizamos pesquisas sobre formas de fazer sentir, construindo uma sequência de propostas envolvendo sobrecargas, tarefas com instruções confusas, mudança repentina de foco e momentos de reflexão e escuta. Buscamos trabalhar com a utilização de materiais simples e acessíveis, como caixas de papelão, fones de ouvido, papéis coloridos, estímulos sonoros, labirintos e registro físico. A ideia foi para garantir que a montagem pudesse ser replicada em diferentes espaços.



III. Resultados e discussão

Os resultados preliminares indicam que a exposição multissensorial favoreceu a sensibilização do público para as particularidades do TEA, promovendo empatia e reflexão crítica sobre práticas inclusivas. As interações observadas evidenciaram mudanças na percepção dos visitantes, alinhando-se ao pensamento freireano de educação como prática transformadora e ao conceito de capital cultural de Bourdieu, que denuncia as desigualdades produzidas por visões hegemônicas. Ao vivenciar desafios cotidianos de pessoas neurodivergentes, os participantes demonstraram maior compreensão sobre comunicação alternativa, sobrecarga sensorial e necessidade de ambientes mais acolhedores, confirmando o potencial da proposta para articular conhecimento científico, ação educativa e engajamento social na luta contra preconceitos e estigmas.

O maior aprendizado foi perceber que a inclusão só acontece quando sai do discurso e entra na prática. Percebemos que mesmo com materiais simples, é possível criar experiências significativas que toquem as pessoas. Também aprendemos que ouvir as vozes daqueles que vivem a neurodivergência é fundamental para construir ações realmente transformadoras. Esta jornada nos ensina a cada nova experiência sobre a importância de agir coletivamente, de repensar estruturas escolares e sociais e de assumir que cada sujeito é singular.

IV. Conclusões

Quando nos propomos a elaborar uma exposição itinerante fomos motivados pela possibilidade de expandir o acesso a informações que possibilitem a quebra de preconceitos estabelecidos socialmente. Falta muita informação. Quando nos deparamos com comentários limitados, só temos uma frente de atuação pertinente: a informação, a conscientização.

Almejamos construir relatos qualitativos que demonstrem impactos emocionais e cognitivos das experiências sensoriais e a possibilidade de ampliar a inclusão e empatia em diferentes ambientes e realizar uma divulgação científica eficaz para otimizar a conscientização.



V. Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1983.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 05 jul. 2025.

FIGUEIREDO, Helena; ALMEIDA, Maria. Práticas pedagógicas inclusivas para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Revista **Educação Especial**, v. 32, n. 1, p. 45-60, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAZZOTTA, Irina. **Educação inclusiva: desafios e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014.

Pereira J, Duarte MN, Santos GP. **AS CRIANÇAS NO HOSPITAL COLÔNIA INFANTIL DE OLIVEIRA (MG): UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL (1931-1974)**. *Psicol Soc* [Internet]. 2022; 34: e 256690. Available from: <https://doi.org/10.1590/18070310/2022v34256690>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/sQX4SDFQchsx5Gk4v45dSfw/format/html&lang=pt>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, Carla. Comunicação inclusiva e linguagem não capacitista. Revista **Linguagens**, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2017.

SILVA, Luiz *et al*. Exposições multissensoriais e aprendizagem inclusiva: um estudo de caso. **Educação e Cultura**, v. 15, n. 3, p. 201-215, 2021.